

## POSFÁCIO: ENCERRAMENTO

# Conclusões Contrapostas

As apresentações científicas e técnicas chegaram ao fim da sua discussão. O conjunto das respectivas conclusões mostra o sucesso que a *contrapor2006* conseguiu objectivar. Daí percebe-se que esta primeira **conferência de tradução portuguesa** tenha obtido um êxito inesperado. Excederam muito as expectativas optimistas que animavam à partida. Todavia, o mais importante são os conhecimentos extraídos das comunicações discutidas. Convém sintetizar os resultados obtidos, no tom de balanço final, por meio de breves apontamentos, supostos relevantes para o conceito genérico da tradução como motor de desenvolvimento no século XXI.

Em princípio, os **sistemas de tradução** evidenciam os modernos fundamentos do processo tradutivo entre humanos e na interacção humano-máquina exigida pelos sistemas societais. Do ponto de vista institucional, a *índole da ATeLP* como associação de pessoas singulares e colectivas dedicadas aos problemas da tradução, em Portugal, manifesta estimular a actividade de traduzir por intermédio de intervenções nos desenvolvimentos científicos, pedagógicos e culturais. Aí enquadra-se a construção do *modelo sistémico de tradução*, potenciando projectos que possam originar teses de mestrado ou doutoramento e sustentem a inovação de produtos úteis ao mercado internacional. A modernidade pelas novas tecnologias informáticas faz surgir os *primeiros passos para avaliar a tradução automática*, por intermédio da criteriosa comparação dos vários motores de tradução acessíveis na internet, à custa da semântica de lexemas verbais escolhidos para o efeito. Hoje em dia, a *tradução assistida por computador* proporciona a utilização de meios auxiliares consubstanciados em memórias de tradução, gestores de terminologia, sistemas de tradução maquínica, sistemas de gestão de conteúdos e sistemas de gestão da globalização, afinal testemunhos da actual evolução da tecnologia de tradução, para fortalecer os serviços especializados emergentes.

Neste processo societal, a **educação de tradução** fundamenta a formação profissional dos tradutores, e por isso deve ser discutida ao mais alto nível, desapassionadamente e com objectividade. A *evolução universitária da tradução* em Portugal caracteriza uma área de acesso bastante fechado, desde logo na investigação científica, mas em que os novos licenciados e bacharéis, paradoxalmente, encontram o desemprego – decerto por uma qualificação superior deficiente. O confronto dos *modelos de formação de tradutores* revela como se evoluiu da simples inserção do acto de traduzir em cursos de secretariado, até à presente disseminação de propostas do ensino e aprendizagem da tradução de línguas – que não parece ser o caminho certo para a tradução especializada. O

processo de Bolonha, cuja implementação se inicia no presente ano lectivo, vem dar nova esperança à *trilogia de tradução, tecnologia e mercado*, formulando a criação de licenciaturas e mestrados com a potencial aquisição de competências nas línguas e computadores – como interessa à engenharia de tradução, pela integração sistémica das ciências tecnológicas e ciências humanas na sociedade (paradigma sonhado, mas não prosseguido, da Universidade Nova). A *tradução sem as ferramentas do mercado*, por não existirem disponíveis meios adequados, centraliza a actividade do ensino e o exercício prático do conhecimento especializado, tal como acontece na musicologia e bem assim noutros domínios, porquanto os dicionários e glossários mostram-se incapazes de correlacionar eficazmente as línguas de especialidade – uma falta a colmatar por autores especialistas e novas editoriais que impulsionem a disseminação das interactividades.

Realmente, a **terminologia na tradução** representa uma componente básica na contraposição das línguas, formando uma disciplina importante à correspondência das palavras e dos sentidos semânticos. Ainda está por estabelecer um *dicionário multilingue de gentilícios e nomes de países*, aceite com univocidade e actualizado por entidades reguladoras devidamente credenciadas a nível internacional, mas estão a surgir motivos para a língua portuguesa avançar nessa via. Em especial, um *glossário de termos de normalização dos nomes geográficos* responde à ‘standardization’ nas directrizes da ONU, seguindo a ‘padronização’ de normas propostas pelo Brasil – incompreensivelmente sem considerar a ‘normalização’ dos portugueses, o que tece mais uma incongruência contra a filosofia sistémica da tradução, emaranhada pela nefasta política de desprezo da língua de Portugal. O caso particular da *terminologia educacional* confirma as dificuldades existentes ao tentar equivalências nas culturas portuguesa e britânica relativamente a factos correntes da vida escolar – segundo exemplifica a extravagante designação oficial de ‘licenciatura’, acabada de dar ao primeiro ciclo de educação superior e que a restante Europa chama ‘bacharelato’, obviamente. As dificuldades aumentam bastante na *tradução jurídica da área penal*, pela persistente erudição tradicional e formalismo da linguagem clássica, com a mistura de expressões latinas e arcaísmos ou abreviaturas peculiares e fraseologias típicas – como transparece da simples comparação do português do Brasil e de Portugal.

No alicerce de tudo isto situa-se a **teoria de tradução**, que interpreta o rigor comunicativo nas conversações interlinguais dos povos, fundamentando conversões correctas das falas de sustentação dos diálogos, em ocasiões mais ou menos fortuitas. Os *jovens mediadores linguísticos* nas famílias de emigrantes funcionam como tradutores e intérpretes em variadas questões sociais e económicas, conforme mostram estudos feitos na Alemanha às segundas gerações de turcos, gregos e italianos – que se comportam como verdadeiros agentes de socialização. As distintas culturas forçam à *explicitação das traduções jornalísticas* de um para outro povo, principalmente quanto a nomes próprios e referências culturais na passagem de notícias do japonês para inglês, inserindo esclarecimentos adicionais do tradutor na língua alvo. Em geral, não é pacífica a controvérsia da *tradução orientada para a língua alvo*, a qual assume contornos muito sensíveis no caso da Bíblia (do latim ou grego para inglês), porque uns defendem o respeito pelo sagrado do texto próximo da língua fonte, enquanto a moderna aproximação à língua alvo robustece uma tendência herética. Daí a discussão essencial da *teoria de relevância*, que realça a intenção na comunicação, em contraste com as afirmações dos teóricos da verdade condicional e significativa antes da explicação do sentido do falante, obviamente com repercussões decisivas na estratégia de explicitação das traduções.

Em contraponto às teorias, as **tecnologias de tradução** desenvolvem-se sob a perspectiva de auxiliar os tradutores e intérpretes na execução das suas funções, assumindo diferentes aspectos relevantes, desde os logiciais de aplicação aos equipamentos electrónicos. A *informação terminológica* assenta em bases de conhecimento plurilingues, nomeadamente os *corpora* com descrições de usos reais nas línguas de especialidade, como acontece em farmacologia, o que exige a conveniente extracção e gestão dos termos nos vários usos. Deste modo, o *uso de corpus em paralelo* ao acto de

traduzir facilita a comparação bidireccional entre inglês e português, estimulando ainda a concepção de programas que comparam as características de diferentes línguas ou o empréstimo de palavras. Nos usos societais mais vulgares aparece a *tradução audiovisual*, que coloca nas imagens o leitor pela legendagem ou o auditor através da dobragem, mas demonstrou-se pela experiência que o método mais recomendável no ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, concretamente o português para falantes estranhos, consiste na sobreposição de subtítulos escritos nas imagens. As novas *tecnologias para intérpretes em conferências*, concretizadas por equipamentos electrónicos adaptados aos desempenhos de interpretação, devem ser usadas pelos respectivos estudantes, para que lhes expliquem a relação existente entre as diferentes especialidades e os distintos desempenhos, além de facilitarem a inserção imediata dos recém-formados no mercado de trabalho.

Neste amplo campo de aplicação, a *tradução literária*, tanto ficcionista como aplicada, assenta nos mesmos princípios da tradução especializada e utiliza igual conjunto de técnicas, genericamente indiferentes ao tipo de literatura mas com especificidades próprias dos objectivos a atingir. A experiência da *tradução literária para italiano* levanta as metáforas de 'alfândega' e 'contrabando', igualmente extensíveis às actividades universitárias e editoriais em Portugal, na medida em que o 'sistema aduaneiro' virtualmente vigente torna difícil reconhecer o trabalho dos estudantes e dos autores não consagrados. A grande acuidade da *tradução de metáforas* tem de distinguir as partes de 'objecto' e de 'imagem' nas figuras de discurso, donde advêm implicações pedagógicas de difícil tratamento, sobretudo nas abordagens automáticas. Apesar disso, são muito importantes as *metáforas terminológicas na ciência*, pois permitem transferir sentidos nos textos especializados para lá do mero ornamento retórico, sujeitando-se a diversas interpretações da linguística cognitiva, teoria de relevância e teoria de protótipos. Mais realisticamente, a *representação do "selvagem nobre"* na tradução inglesa da histórica carta de Pêro Vaz de Caminha, sobre a descoberta do Brasil, atende ao conteúdo metafórico do termo, ao lado de outras expressões usuais em 1500 e às quais a cultura actual atribui significados distintos.

Longe do tempo em que o trabalho de traduzir se limitava à acção do tradutor, a *prática de tradução* assume novas formulações, diversificando o mercado em mais vertentes. A internet propicia entrar no *sítio 'The Translator' com notícias e ofertas de emprego*, dirigido especialmente aos estudantes e recém-licenciados, com informação acerca das acções de formação que vão sendo programadas aqui ou ali – na verdade um impressionante serviço privado de índole pública voluntarista. Com grande incidência prática, a *normalização reenquadra a profissão de tradutor* na qualidade da indústria das línguas, dentro do vasto processo de internacionalização e globalização em curso, sobretudo ao nível da construção do perfil de fornecedor de serviços de tradução e de acordo com a norma europeia 15 038. O exercício profissional pressupõe atender a determinadas *práticas de pagamento dos clientes potenciais*, recomendáveis para seguir a legislação nacional ou a experiência estrangeira e evitar más cobranças dos serviços prestados.

Em todo o caso, a *avaliação de tradução* valoriza a qualidade dos serviços dos tradutores nos aspectos literários da estética e do rigor gramatical ou quanto aos meios auxiliares utilizados. Basicamente, interessa analisar a *qualidade em tradução e a formação de tradutores* tendo em vista a valorização centrada no produto final e no processo de tradução, além da avaliação do ensino exercido a nível superior. Neste aspecto, a *herança educacional dos tradutores* justifica que os jovens licenciados procurem integrar as bases das ciências sociais e humanas na tradução científica e técnica, por atracção do mercado de trabalho – o que concretiza, na prática, o paradigma sistémico da ciência dos tempos modernos. Se se partir do princípio de que *basta a garantia* para ter qualidade aceitável numa tradução, há que procurar modos de certificar essa garantia de qualidade, e uma maneira expedita consiste em aprender com as lições da experiência, por exemplo,

praticando a regra de aceitação do texto traduzido a partir da validação de cinco páginas aleatoriamente escolhidas.

Tais conclusões, arroladas dos sistemas e tecnologias desde a educação até à certificação da tradução, descem das teorias de base ao conhecimento das heurísticas praticadas pelos tradutores na execução do seu trabalho, pondo-nos a reflectir sobre os modos de melhorar a realidade actual e progredir para resultados óptimos. Existem aqui preciosos dados para dar mais um passo em frente no desenvolvimento da ciência e tecnologia de tradução, iluminando mais o dia-a-dia de cada profissional. Não será isto um valioso sucesso?

Além disso, foi depositada grande expectativa nas intervenções de **duas mesas-redondas** intercaladas no programa. A primeira centrou-se nos destinatários das traduções, sob o mote *para quem e para quê a tradução*, a partir de protagonistas do ensino e aprendizagem que estão a promover a viragem da educação superior. A segunda culminou na dimensão internacional dos *directores de associações de tradutores e intérpretes* que situam as linhas gerais da profissão no plano global das economias. Em resumo: um sucesso dentro de outro sucesso.

Confio que o meu optimismo seja generalizado. Embora saiba que, durante os percursos de interacção, será normal ocorrerem circunstâncias que desvirtuam a trajectória ideal. No presente caso, estou convencido de que sairemos, no final destes dois dias de diálogo sobre tradução, a pensar que valeu a pena participar no convívio proporcionado – ao vivo, desculpem o pleonasma, intencionalmente proferido perante o crescendo electrónico dos contactos entre humanos. Poderia ser melhor, também creio, pelo que convido todos a estarem presentes, activamente, na próxima conferência, prevista para a Primavera da *contrapor2008*, talvez em Abril ou Maio. Permaneço convicto de que se fará mais e melhor.

Hoje estamos fora de Lisboa, nos arredores da capital portuguesa, ainda no território da chamada Grande Lisboa. Com o tempo, o local da *contrapor* deverá percorrer o país de Norte a Sul, podendo chegar às paradisíacas ilhas insulares de Açores e Madeira ou arribar a outros países de expressão portuguesa – porque não? – o Brasil, Angola e Moçambique ou Timor-Leste. A dinâmica impressa pelas novas gerações ditará as melhores orientações, aliás aceitáveis desde que pugnem pela investigação e desenvolvimento da ciência e tecnologia de tradução, em geral, e pela disseminação do bom uso da língua portuguesa na tradução, em particular.

Nestes objectivos, a Universidade Nova de Lisboa (UNL), onde decorre esta primeira conferência de tradução portuguesa, dispõe de um excelente corpo docente em linguística, prestigiado pela investigação e pedagogia universitária, que pode dar um valioso contributo à ciência de tradução em conjunto com os grupos de inteligência artificial e de controlo cognitivo no desenvolvimento da tecnologia de tradução. A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) inicia agora uma licenciatura centrada na tradução de línguas, que terá muito a ganhar se for complementada por um mestrado em engenharia de tradução na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), que considere especialmente as línguas especializadas e trate a abordagem científica e tecnológica da informática aplicada à tradução. Eis uma sugestão para as ciências sociais aplicadas aproximarem mais a educação superior dos tradutores às exigências do mercado e responderem à crescente globalização das economias mundiais. Talvez seja um programa para a equipa reitoral dinamizar, sob a perspectiva primordial de uma universidade nova.

É neste contexto que agradeço colectivamente a demonstração de interesse pela conferência *contrapor*. Porém, são devidas algumas deferências singulares. Primeiro, cumprimento jubilosamente a Comissão de Honra, formada pelo Reitor da UNL e o Director da FCT, que nos privilegiaram com a presidência, respectivamente, desta sessão de encerramento e da sessão de abertura da conferência. Depois, felicito os membros da Comissão Organizadora, tanto pelo trabalho coordenador do seu vice-presidente como os cuidados específicos dos restantes componentes. E agradeço à Comissão de Programa a cuidadosa selecção científica das comunicações escritas. Registo um gesto especial à

presidente da Associação de Tradução em Língua Portuguesa (ATeLP), que se propõe criar condições de prestígio para a tradução em Portugal. Ainda acentuo o tributo de gratidão pelos auspícios da Federação Internacional de Tradutores (FIT) ao membro do seu conselho directivo Andrew Evans. É entregue ao presidente do conselho científico, professor João Paulo Crespo, a mais valia da mensagem revelada do esforço empreendido, para que dela usufrua como melhor entender em prol da ciência e tecnologia de tradução. Concluo com o reforço da amizade, consolidada ao longo de quase quarenta anos de trabalho conjunto, ao professor Leopoldo Guimarães, magnífico Reitor da Universidade Nova de Lisboa, reconhecendo o valor do seu apoio a esta iniciativa universitária, quando já estou em movimento de deriva a penetrar no glaciário da jubilação.

Finalmente, lanço um fraterno aplauso a todos os conferencistas, que manifestaram abertamente os seus conhecimentos e quiseram dialogar com base na sua experiência para perspectivar os novos horizontes da tradução. E, na boa tradição académica, iremos encerrar os trabalhos com as saudações musicais dos estudantes pela encenação da «antUNia».

*Thank you for being here!* Obrigado e até sempre.

Caparica, 2006-09-12

Hermínio Duarte-Ramos